

# A INDIVIDUAÇÃO ATRAVÉS DO EMBATE COM A SOMBRA EM “ESTÓRIA Nº3”, DE GUIMARÃES ROSA

Daniel Cavalcanti Atroch

Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP)

danielcatroch@hotmail.com

## RESUMO

Em “Estória Nº3” encontramos três personagens enredados: o terrível Ipanemão bate à porta do casal Joãoquerque e Mira. O homem foge, enquanto a mulher aguarda o bandido. Mas, no quintal da casa, Joãoquerque pensa em Mira e acaba por assimilar o caráter de Ipanemão, transformando-se num homem destemido que mata o rival. Calcado na psicologia junguiana, pretendo demonstrar que Ipanemão representa a *sombra* de Joãoquerque, ao passo que Mira desempenha a função de *anima* do herói, o aspecto feminino e auxiliador da psique.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Guimarães Rosa, literatura brasileira, psicologia, individuação

## ABSTRACT

In *Estória Nº3* we find three characters that are part of the plot: the terrible *Ipanemão* who knocks at the door of the couple *Joãoquerque* and Mira. The man flees while the woman waits for the villain. However, in the yard, *Joãoquerque* thinks of Mira and ends up assimilating the ethos of *Ipanemão*, becoming a fearless man who kills his rival. Guided by Jungian psychology, I intend to demonstrate that *Ipanemão* represents the shadow of *Joãoquerque* while Mira embodies the *anima* of the hero, the feminine and helper aspects of the psyche.

**KEYWORDS:** João Guimarães Rosa, Brazilian literature, psychology, individuation

No presente estudo, analiso o conto “Estória Nº3”, de Guimarães Rosa, pelo viés da Psicologia Analítica. Enfoco, especificamente, o processo de *individuação* através do confronto de opostos, flagrante na trajetória de Joãoquerque, protagonista do texto. Segundo Benedito Nunes, “A antropologia rosiana é religiosa<sup>1</sup>. O homem é um ser inacabado, como se ainda fosse uma espécie inferior às outras.” (NUNES, 2013, p. 277). Nesse sentido, é um imperativo em sua trajetória a busca por completude, que Jung (2009) definiu como processo de *individuação*, quando o homem se aproxima da realização de sua unicidade última e irrevogável, superando o dualismo que restringia o seu desenvolvimento.

Em “Estória Nº3”, conto integrante de “Tutaméia”, a *individuação* ocorre através da dialética entre opostos como atividade e passividade, mando e sujeição, valentia e covardia, expressa na polaridade entre os personagens Joãoquerque e Ipanemão. O último é líder de bandidos, infundindo medo às pessoas, enquanto o primeiro é reconhecidamente um covarde. Através de Mira, espécie de espelho onde os antagonistas se reconhecem – atentemos para a sugestão do nome -, a situação se inverte: Joãoquerque torna-se ativo, dando voz de comando ao acuado vilão que recebe um golpe fatal de machado.

\*\*\*

O conto se inicia com o idílio do casal Joãoquerque e Mira, quando os dois conversavam “[...] pequenidades, amenidades, certezas.” (ROSA, 2009, p. 86) e “Cercavam-nos anjos-da-guarda, aos infinilhões.” (ROSA, 2009, p. 86) Mas a harmonia é quebrada pelo “ - Ô de casa!” (ROSA, 2009, p. 86) proferido por Ipanemão, “[...] cruel

como brasa mandada, matador de homens, violador de mulheres, incontido e impune como o rol dos flagelos.” (ROSA, 2009, p. 87) Aqui, constitui-se uma triangulação formada pelos personagens Mira, Joãoquerque e Ipanemão, enredados num único processo - “[...] cada qual em seu eixo giravam, que nem como movidos por tiras de alguma roda-mestra” (ROSA, 2009, p. 87) - que resultará na *individuação* de Joãoquerque. Mira ordena que o amante, gelado “[...] em azul angústia” (ROSA, 2009, p. 87), parta: “Teria ele de ganhar o nenhum rumo, para vastidão” (ROSA, 2009, p. 88). Ela permanece, ajoelhada, rezando, “[...] com numa mão a faca, pontuda, amolada, na outra o espeto, de comprimento de metro.” (ROSA, 2009, p. 87) Joãoquerque, por sua vez, foge mato adentro, vindo a “enterrar-se” num buraco. Sozinho, ele enceta profunda reflexão: “Veio-lhe a Mira à mente” (ROSA, 2009, p. 89) e, num átimo, se lhe forma a ideia: “Via: quem vivia era o Ipanemão, perseguindo-o a ele mesmo, Joãoquerque, valentemente [...]. O medo depressa se gastava?” (ROSA, 2009, p. 89) Aqui, Joãoquerque tem a sua epifania, a “revelação” de que o rival persegue a si mesmo no outro, como sugere a ambígua construção verbal: “*perseguindo-o a ele mesmo*”, de onde podemos inferir que o vilão projeta a covardia que reprova em si nos demais. Significativamente, ao pensar em Mira, cuja indubitável coragem faz parecer posticha a do rival, Joãoquerque desvela o estratagema do qual Ipanemão se serve para purgar a própria “falta”: projetá-la em outrem. A partir de então, o protagonista descobre que é capaz de bancar a têmpera do vilão: ele “se representou, sem ser do jeito de vítima. Remedava de ele próprio se ser então o Ipanemão, profundo.” (ROSA, 2009, p. 89)

Em entrevista ao seu tradutor alemão, Günter Lorenz, Guimarães Rosa revela que “Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe. E isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística.” (LORENZ, 1991, p. 73) Trata-se de um princípio belamente traduzido nas linhas do conto em pauta, visto que é na solidão do fundo escuro do quintal que Joãoquerque descobre que a valentia de Ipanemão, que insufla temor nas pessoas, é artificial, não se tratando de condição inexpugnável. Tanto que, após desmascará-lo, o herói pôde se imbuir da valentia do seu duplo, ou *sombra*, quase que instantaneamente: “Com compreensão e boa vontade, a sombra pode ser integrada de algum modo na personalidade” (JUNG, 2011, p. 21), “[...] pois ela é de natureza pessoal [...]” (JUNG, 2011, p. 22), remetendo aos caracteres que o indivíduo negava ou ignorava em si. Então, Joãoquerque toma um machado e sai no encalço do rival, que encontra “[...] a esquivar olhar e presença. Joãoquerque, porém, o rodeou, também, lhe pediu – *Olhe!* – baixo, e, erguendo com as duas mãos o machado, *braz!*, rachou-lhe em duas boas partes os miolos da cabeça.” (ROSA, 2009, p. 90). Observem que a cabeça é separada em duas partes, remetendo à dualidade que deve ser superada não pela escolha de um aspecto em detrimento de outro, mas pela harmonização de ambos - no Ipanemão, havia uma radicalização da dualidade, já que ele necessitava projetar o outro de si nos demais, extrovertendo a sua cisão interna: quem não agrega o outro à própria alma acaba estagnado, “morto”. Segundo Paul Ricoeur,

o que estraga a minha relação comigo mesmo não poderia diferir do que destrói a minha relação com outrem, se é verdade que a consciência de si só é adquirida na reciprocidade; o “para mim” e o “nós” têm portanto a mesma raiz e o mal que afeta um afeta o outro. (RICOEUR, 1996, p. 190)

Assim, a problemática, o mal que assola o indivíduo - no caso, a abjeção à covardia manifesta em Ipanemão - repercute em sua relação com outrem - covardes da estirpe de Joãoquerque - e, como não poderia deixar de ser, a solução para este mal se dá pela mesma via: a relação de alteridade.

\*\*\*

Segundo Jeane Mari Sant'Ana Spera, a dialética dos contrários presente no texto pode, ainda, ser atualizada a nível morfológico, o que podemos constatar na expressão “homenzarrinho”, pela qual Joãoquerque é definido no início da narrativa,

[...] para cuja formulação concorrem dois sufixos antagônicos justapostos, a expressar, simultaneamente, a pequenez física e a grandeza moral da personagem Joãoquerque, cujas ações operam, no plano textual, a passagem do “inho” para “zarrão”. [...] da frase ao vocábulo, a relação indissociável entre a expressão poética e a função textual das construções antitéticas, nos textos rosianos, traduz o procedimento de subversão das regras de combinação semântica e cria o que [...] denominamos [...] de “coerência poética”. (SPERA, 2003, p. 336)

Nesse sentido, são muito reveladoras as expressões de sobressalto que o herói profere: “Pai-do-Céu!”, quando parte, amedrontado, para o escuro quintal; “Diabo do inferno!”, a antítese da expressão anterior, quando ele “se representou, sem ser do jeito de vítima” (ROSA, 2009, p. 89); e, finalmente, a síntese: “Diabo do Céu!”, proferida no momento em que Joãoquerque concilia os pares antitéticos e é tomado de uma alegria de “brincar de matar” (ROSA, 2009, p. 90), saindo à cata do rival.

\*\*\*

Analisarei agora o papel fundamental desempenhado por Mira na mediação entre os antagonistas. Como vimos, é ao pensar na namorada que o herói desvela a

real natureza do vilão. Quando Joãoquerque retorna do quintal “desvirado convertido” (ROSA, 2009, p. 90), Ipanemão se encontra fora da casa, acorrido displicentemente com seus capangas e evita, “hesitoso”, o olhar do herói demudado. Em outras palavras, Mira “transforma” Joãoquerque em Ipanemão e vice-versa por ser o elemento que revela em cada um o seu caráter incógnito – agindo de forma direta em Joãoquerque e indireta em Ipanemão: quando o primeiro se lembra de Mira durante a fuga, “encarna” o vilão, e quando este se depara com o herói transfigurado, revela a sua covardia, como fosse ela uma espécie de espelho onde o homem discerne a sua *sombra*, o seu duplo. Segundo Jung (2011), essa função da personagem feminina está relacionada ao arquétipo da *anima*, porção feminina do inconsciente masculino, que, na qualidade de outro absoluto do homem, subjaz a todas as suas relações de alteridade. Nesse sentido, a *anima* desempenha a função de *psychopompos*, isto é, de “guia” entre as instâncias psicológicas do consciente e do inconsciente.

O nome Mira nos remete diretamente à elocução de Riobaldo, no “Grande sertão: veredas”, quando o jagunço atirador exorta o seu ouvinte a “mirar” e “ver” os eventos narrados. No romance, a forma que Riobaldo encontra de compreender a sua vida é a elaboração da memória através do discurso. O narrador-personagem reflete: “Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável?” (ROSA, 2001, p. 359) Esta inescrutabilidade do presente se deve a ele acontecer “no zuo de um minuto mito: briga de beija-flor.” (ROSA, 2001, p. 359) Dessa forma, “mirar” o que transcorre no presente é fácil; difícil é “ver”, ou atingir o entendimento. Este último requer tempo e um esforço considerável de reflexão. Ao analisar pausadamente o que ocorreu de forma rápida e intensa no passado,

encontramos ou formulamos sentido, em outras palavras, passamos a “ver” com mais acuidade os fatos. Ou seja, “miramos” no presente para “ver” apenas no futuro (ainda que num futuro próximo). Portanto, para ver de fato, é preciso mirar com os “olhos” da consciência. E, nesse processo, a linguagem desempenha um papel fundamental, já que do mundo objetivo, e mesmo no âmbito psicológico, conhecemos apenas aquilo que podemos simbolizar. Em outras palavras, as representações verbais dão forma e sentido à nebulosa indiferenciada das experiências humanas. Assim como Riobaldo transpõe dilemas existenciais narrando a sua estória a um interlocutor virtual, Joãoquerque trava diálogo consigo mesmo em busca de socorro, ocasião em que “Veio-lhe a Mira à mente” (ROSA, 2009, p. 89) - então, de posse da *mira*, o herói pensa com objetividade, disparando a reveladora construção verbal que reconfigura o seu devir: “Via: quem vivia era o Ipanemão, perseguindo-o a ele mesmo, Joãoquerque, valentemente.” (ROSA, 2009, p. 89). Houvesse o protagonista ficado em casa, experimentando a ameaça do rival no presente, ficaria privado do recurso que impulsionou o seu salto existencial: a elaboração do passado, que serve de alicerce para um discurso eficaz, transformador.

\*\*\*

Como é sabido, a ambientação, o *locus*, recebe tratamento especial na obra de Guimarães Rosa. A interação dos personagens com o espaço nunca é gratuita. Basta evocarmos a complexa tessitura simbólica que perpassa os rios no “Grande sertão: veredas”, praticamente indissociáveis da trajetória de Riobaldo. No conto “Estória Nº 3”, as instâncias psicológicas representadas por Joãoquerque, Ipanemão e Mira vão se integrar aos locais onde atuam. Os antagonistas ocuparão, cada qual, o *locus*

correspondente ao seu duplo. Ipanemão, a *sombra*, personificação dos caracteres não elaborados que residem no *inconsciente pessoal*, encontra-se na fachada, local mais visível da construção, portanto, espaço da consciência. Joãoquerque, personagem que representa a parcela luminosa da psique, o consciente, foge para o quintal escuro, com “vultos” e um riacho, sem dúvida, uma representação dos meandros do inconsciente. Assim, os rivais encontram-se cada um no *locus* pertencente ao outro. Mira, a *anima*, elemento transformador advindo do *inconsciente arquetípico* - segmento arcaico e condicionante das demais instâncias da psique - encontra-se na cozinha, onde se prepara o mantimento dos residentes. O simbolismo transformador da cozinha, local da passagem do cru ao cozido, com suas panelas que remetem às retortas alquímicas, é fundamental no conto, e se insinua em diversos momentos. A narrativa se inicia com Mira a “[...] frigir bolinhos para o jantar [...]” (ROSA, 2009, p. 86). No escuro quintal, Joãoquerque “[...] errava o pensar, que nem uma colher de pau erra o tacho;” (ROSA, 2009, p. 88) No fim, Joãoquerque tem “[...] os pés no chão, a mão na massa, a cabeça em seu lugar [...]” (ROSA, 2009, p. 91). Inclusive, o protagonista se “enterra” em um buraco no fundo do quintal - “Estava deitado de costas, conforme num buraco, analfabeto para as estrelinhas.” (ROSA, 2009, p.89) -, onde será existencialmente cozido. A cozinha se encontra no interior da casa, entre a fachada e o quintal; Mira, da mesma forma, atua no “meio”, intermediando os personagens que agem nos ambientes polarizados. Ipanemão, representante do *inconsciente pessoal* (e que desponta na soleira da porta, na “consciência” da casa), ao se deparar com Joãoquerque transfigurado por Mira, a *anima*, revela quem de fato é - um covarde - à luz da consciência (a “fachada”, onde vige). E Joãoquerque, representante da

consciência, ao pensar em Mira, escondido no quintal, no *locus do inconsciente*, se transforma em quem ignorava que poderia ser - um homem valente -, concluindo que Ipanemão não passa de *sombra*, no sentido vulgar mesmo. Assim, em “Estória Nº3”, como em toda a obra de Guimarães Rosa, o espaço é subjetivado, expressando o caráter dos personagens.

\*\*\*

Após os eventos dramáticos transcorridos no conto, Joãoquerque toma as rédeas de sua própria vida e passa a ser de fato o João “Quer que” (ROSA, 2009, p. 91), destarte, sua vontade é ativa (lembrem que Ipanemão, seu duplo, é líder de bandidos e dono do arraial). Então, Mira e Joãoquerque se casam. O casamento é um evento fundamental, pois representa simbolicamente o último estágio do processo de *individuação* (JUNG, 2006). O *hierosgamos* ou “casamento sagrado” exprime que o indivíduo harmonizou os três segmentos da psique: “neutralizou” o aspecto negativo do *inconsciente pessoal*, a *sombra*, integrando-a à *consciência*, processo representado no conto pelas permutas existenciais entre Joãoquerque e Ipanemão, ao fim das quais o herói sai vitorioso e transfigurado para então legitimar o seu consórcio com a *anima*, elemento do *inconsciente coletivo*, ao desposar Mira.

Acerca do casamento, é afirmado no texto: “O padre e Mira, dali a dois meses, o casaram. Conte-se que uma vez.” (ROSA, 2009, p. 91) Essa espécie de diálogo com os contos de fada - “Conte-se que uma vez” - não é gratuito, afinal, conforme Marie-Louise Von Franz (2008), essas estórias são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do *inconsciente coletivo*. Portanto, o valor delas para a

investigação aprofundada da psique é privilegiado em relação a outros tipos de narrativa, fato que Guimarães Rosa certamente não ignorava. Segundo Irene Gilberto Simões, “[...] a impessoalidade e o caráter fabuloso do “era uma vez”, colocado no final do conto, sugere a abertura de uma nova estória: “Conte-se que uma vez” (SIMÕES, 1988, p. 178). Pode-se falar em uma nova estória, quem sabe, por eclodir no decorrer da narrativa um novo homem, um novo Joãoquerque (o “João quer que”), produto de um aguerrido processo de *individuação*. Porém, observem que o personagem não se coloca na posição de agente e sim de paciente, sofrendo a ação de ser casado (“o casaram”), como houvesse retornado à sua condição anterior. Nesse sentido, Jung (1985) nos ensina que o processo de *individuação* nunca se consolida de fato, estando o indivíduo sujeito aos reveses do destino que podem fazê-lo “regredir” existencialmente, para, então, empreender uma nova jornada ascensional. Nas palavras de Riobaldo:

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (ROSA, 2001, p. 39)

De qualquer modo, não podemos mais enxergar Joãoquerque por via de mão única, posto que o herói ultrapassou

[...] um certo ponto de vista didático, quem sabe de fundo maniqueu, que simplifica a profundidade da visão metafísica pela superficialidade da visão ética, amarrando o homem entre bem e mal, certo e errado, justo e injusto, redenção e danação. (CANDIDO, 2002, p. 53)

Impedindo que dele se construa qualquer visão absoluta ou estereotipada.

\*\*\*

Como é sabido, as trindades são fundamentais para o pensamento mítico e religioso, fonte de inspiração para as considerações de Jung acerca do psiquismo humano. A literatura, não raro, ativa sedimentos arcaicos da psique, expressando modelos que remontam à aurora da humanidade, sobretudo no caso de autores como Guimarães Rosa, que superam o nível psicológico básico para empreenderem um salto metafísico ou transcendental, o que viabiliza uma leitura junguiana dos personagens e eventos que perpassam suas narrativas. Mas, evidentemente, há outras perspectivas de abordagem do texto rosiano. René Girard, por exemplo, com sua teoria da triangulação mimética, propõe um modelo de análise que instiga a uma comparação entre a visada metafísica de Jung e uma concepção mais “antropológica” do problema das trindades.

Segundo Girard (2009), o desejo não é autônomo, achando-se atrelado à mímese: o *sujeito desejante* busca o seu *objeto* nas predileções de um *mediador*, constituindo o *triângulo mimético*<sup>ii</sup>. Para o pensador francês, o que impele o sujeito desejante a buscar o objeto são menos as suas características intrínsecas que a valorização ocasionada por um mediador admirável. Em verdade, o objeto encontra-se em posição relativamente secundária no triângulo mimético,

*A mimesis* desejante precede o surgimento de seu objeto e sobrevive [...] ao desaparecimento de qualquer objeto. Em último caso, é ela quem engendra seu objeto, mas apesar disso sempre aparece, para quem a observa, de fora, como uma configuração triangular, cujas três pontas são ocupadas respectivamente pelos dois rivais e seu objeto comum. (GIRARD, 2011, p. 253)

Em um primeiro momento, o sujeito desejante “apaixona-se” pelo mediador/rival para, então, deslocar essa admiração para o objeto, que “constitui-se apenas num meio de alcançar o mediador. É o ser desse mediador que o desejo

almeja” (GIRARD, 2009, p. 77), apesar de, no mais das vezes, o sujeito desejante renegar a sua admiração pelo mediador/rival. O adversário secretamente admirado também acaba por entrar no jogo mimético, replicando as projeções do sujeito desejante, dinamizando a triangulação de forma a ser difícil determinar quem duplica quem e em nome de que desejo, uma vez que “[...] os desejos se atraem, se imitam e se aglutinam, suscitando relações cujo antagonismo sempre buscará ser definido em termos de diferença, tanto de um lado quanto de outro, quando na verdade a relação é indiferenciada.” (GIRARD, 2011, p. 254)

Sob essa perspectiva, as permutas existenciais entre Joãoquerque e Ipanemão ganham um novo matiz - o interesse do vilão dependeria de um mediador combativo que assegurasse Mira enquanto objeto de desejo. Como ninguém se manifesta no afã de protegê-la, dado que Joãoquerque foge para o quintal, o desejo de Ipanemão arrefece, tornando-o inofensivo. Joãoquerque, por sua vez, supõe que Ipanemão pretende tomar Mira de qualquer forma, por isso, passa a valorizá-la a ponto de se tornar o sujeito desejante que sai à cata do objeto. Assim, o desejo mimético intercambia as ações dos dois homens, tendo o objeto menos como fim do que como catalisador de suas transformações existenciais. A pretensa força do desejo de Ipanemão por Mira – passível de ser instigado tão somente pela resistência de um rival – valorizou-a sobremaneira aos olhos de Joãoquerque, inspirando um ato de extrema valentia em um homem covarde. Mas observem que, ao fim, o herói é casado à revelia de sua vontade, isso porque, após a morte do rival, ele voltou a ser “passivo.” Fatalmente, a derrocada de Ipanemão implica também o fim do ímpeto de

Joãoquerque, afinal, fora do triângulo mimético, esgota-se o valor quase numinoso adquirido pelo objeto.

Assim, em “Estória Nº3”, à triangulação proposta por Jung, fundada na tripartição do aparelho psicológico em *consciente* (Joãoquerque), *inconsciente pessoal* (Ipanemão) e *inconsciente arquetípico* (Mira), poderíamos opor (ou apor) a triangulação mimética, constituída por sujeito desejante (Joãoquerque), rival (Ipanemão) e objeto (Mira).

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Duas vezes “A passagem do dois ao três”* In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. P. 51-76.

GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Trad. Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009.

\_\_\_\_\_. *A crítica no subsolo*. Trad. Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JUNG, Carl Gustav. *Mysterium coniunctionis – pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na Alquimia. Volume XIV/1*. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Memórias, sonhos e reflexões*. Organizado por Aniela Jaffé. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rido de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e Alquimia. Obras Completas de C. G. Jung. Vol. XII*. 4 ed. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *AION – Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Obra completa de C.G.Jung, vol. 9/2*. 8 ed. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

LORENZ, Günter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, Eduardo *et al.* *Guimarães Rosa – Coleção Fortuna Crítica*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991. P. 62-97.

NUNES, Benedito. *A Rosa o que é de Rosa – Literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Org. Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

RICOEUR, Paul. “O ensaio sobre o mal”. In: *Leituras 2 – A região dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. P. 183-198.

ROSA, João Guimarães. “Estória N°3”. In: *Tutaméia – terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. p. 86-91.

\_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. 624p.

SIMÕES, Irene Gilberto. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SPERA, Jeane Mari Sant’Ana. “A função textual das construções antitéticas em Guimarães Rosa”. In: *Veredas de Rosa II (II Seminário Internacional Guimarães Rosa) Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do CESPUC*. Minas Gerais: Editora PUC Minas, 2003. P. 333-336.

VON FRANZ, Marie-Louise. *A Interpretação dos Contos de Fada*. Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. São Paulo: Paulus, 2008.

**Recebido em 18 de abril de 2017.  
Aceite em 10 de maio 2017.**

**Como citar este artigo:**

ATROCH, Daniel Cavalcanti. A individuação através do embate com a sombra em “Estória N°3”, de Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, *Palimpsesto*, n. 24, p. 76-90, jan.-jun., 2017, Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num24/estudos/palimpsesto24estudos03.pdf> >. Acesso em: **dd mmm. aaaa**. ISSN: 1809-3507

---

<sup>1</sup> Mas, numa perspectiva sincrética, como aponta Riobaldo, narrador-personagem do “Grande sertão: veredas”: “Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio...” (ROSA, 2001, p. 32)

<sup>2</sup> Nos casos em que o mediador se encontra distante o suficiente do sujeito para que se possa gerar qualquer tipo de conflito (caso da admiração de Dom Quixote por Amadis de Gaula), Girard denomina a mediação de *externa*. Já quando o sujeito desejante e o mediador estão próximos, ocasião em que rivalizam, como em “Estória Nº3”, fala-se em *mediação interna*.